

PRÁTICAS DE ENSINO DA LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS

SANTOS, Candice Guarato
Universidade Federal do Triângulo Mineiro
candiceguarato@hotmail.com

Resumo: No contexto em que a leitura não é um hábito fora do ambiente escolar, o trabalho que se inicia logo nas séries iniciais do Ensino Fundamental pode ter influenciado nessa desmotivação, pois nesse momento delicado em que o texto é apresentado para o aluno as concepções que guiam a prática docente podem tanto formar leitores competentes quanto valorizar aspectos que não estimulem o aluno. Diante dessa questão, esta pesquisa se fundamentou nas teorias da Análise do Discurso, com Bakhtin (1929) e Geraldi (1984 e 1995), e da Linguística Textual, Koch (2006, 2007, 2008, 2009), para saber se a leitura é estimulada em sala, como essa atividade influencia na escrita e também analisar as concepções sobre prática de ensino de leitura de dez professores das cinco primeiras séries do Ensino Fundamental de uma escola pública de Uberaba, Minas Gerais. Para identificar as concepções dos professores, foi aplicado questionário e também foram recolhidas produções textuais de seus alunos. A conclusão chegada foi de que a prática da leitura acontece, mas é influenciada por uma concepção de língua fechada. Assim, não há transformação do aluno em leitor capaz de construir sentidos de forma independente.

Palavras-chave: Ensino de leitura; Séries iniciais; Concepções de leitura.

1. Introdução

Logo nas séries iniciais de escolarização, ou seja, no Ensino Fundamental, começa um processo de conhecimento, por parte do aluno, do texto. Neste momento, ele já não é sempre um ouvinte de contos, fábulas e outros textos. Quem construirá os sentidos agora é o próprio aluno.

Quem conduzirá essa fase de descobrimento será o professor. Assim, suas concepções sobre o que é a língua, qual a função de um texto e o que avaliar em uma produção escolar é que nortearão a sua prática e, além disso, o docente pode tornar a leitura uma atividade agradável ou algo imposto, com objetivos estruturais.

A partir desse contexto, o objetivo deste trabalho é analisar como professores de uma escola pública de Uberaba, em Minas Gerais, ensinam leitura em suas aulas, isto é, quais são as suas concepções sobre língua e linguagem e como essas concepções interferem no estímulo ao gosto pela leitura e também na escrita de seus alunos.

Para a análise dos dados, dez professores das cinco primeiras séries do Ensino Fundamental responderam a um questionário e os mesmos disponibilizaram as produções textuais de seus alunos, apenas dos quarto e quinto anos.

2. Fundamentação teórica

A fundamentação teórica é baseada teorias da Análise do Discurso, com Bakhtin

(1929) e Geraldi (1984 e 1995), e da Linguística Textual, Koch (2006, 2007, 2008, 2009). Mas para a análise que se segue a fundamentação é em Geraldi (1997).

3. Análise das produções:

Segundo Geraldi (1997), o aluno em sua produção textual, antes mesmo de qualquer aspecto linguístico, tem que ter o que dizer, razão para dizer e há a questão se ele sabe o que dizer.

Na produção 1, que está no anexo, o aluno não tem o que dizer e nem razão para dizer em seu poema, pois ele apenas descreve elementos da natureza “Azul a cor do mar/ Marrom a cor da terra/ Verde a cor do mato” e não expressa algo de seu. Essa atitude é reflexo do ensino de leitura influenciado pela concepção de que a língua é um sistema fechado, pois o aluno escreve coisas óbvias na tentativa de não fugir de um padrão e conseguir uma nota.

A produção 3 segue caminho um pouco diferente da produção 1. Nela, o aluno muitas vezes foge do padrão linguístico imposto por professores como se pode ver em “Filha ver arrumar a mala”. Porém, essa produção, segundo Geraldi (1997), vem de um sujeito que tem o que dizer, pois conta algo que lhe aconteceu; ou seja, aquilo que faz parte do cotidiano da vida faz com que a atividade tenha algum sentido para ela.

Já a narrativa da viagem tem a razão de servir como argumento para sustentar a opinião da aluna de “sexta-feira 13”. A proposta da produção não é um dia de azar. Um ponto que vale destacar é que ela foi contra um conceito imposto pelo senso comum, o que mostra que não estava preocupada se seu professor acharia certo ou errado seu texto.

A proposta da produção 2 era a de apenas colocar frases já construídas em uma ordem. Isto é, não foi exigido do o aluno o uso de mecanismos coesivos como se pode ver no trecho “Um dia, um grilo chamado João Grilo entrou em uma linda casa./ Um velho chamado Gepeto morava na casinha./ O velho Gepeto trabalhava com muito entusiasmo.”.

Se na produção 1 o aluno quase não tinha o que dizer, na produção 2 o aluno não teve voz e nem teve espaço para fazer alterações.

4. Conclusão

Assim, conclui-se que a prática de ensino de leitura nas séries iniciais de escolarização está muito presente conceitos estruturais. Conceitos esses que ainda norteiam o que é certo dentro do padrão linguístico e o que é errado, o que não segue o padrão mesmo o aluno tendo expressando baseado no que já é de seu conhecimento. Todos esses fatores estruturais contribuem para formação de alunos desmotivados a ler.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BAKHTIN, M. (1929) **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1979.
- GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- KOCH, Ingedore. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 2008.

Anexos

Produção 1:

O mundo colorido

Azul a cor do mar
Marrom a cor da terra
Verde a cor do mato
E as cores da taquarela.

Vermelho a cor do sangue
Amarelo a cor do sol
Roxo a cor da violeta
Rosa a cor das flores.

Produção 2:

O boneco mágico

Um dia, um grilo chamado João Grilo entrou em uma linda casa.
Um velho chamado Gepeto morava na casinha.
O velho Gepeto trabalhava com muito entusiasmo.
Ele cortava um pedaço de madeira e retocava, até conseguir transforma-lo em um boneco.
O velho terminou o boneco e deu-lhe o nome de Pinóquio.
De repente, uma fada entrou na casa e tocou o boneco. Ele começou a caminhar e a falar. Parecia até um menino de verdade.
Pinóquio começou a falar e a caminhar como se fosse gente.

Produção 3:

Oi! Eu sou a K*, meu pai se chama R* e minha mãe se chama R*, eu sou filha única. Hoje é sexta-feira 13, todo mundo diz que o dia de hoje é um dia ruim porque todo tem uma superstição. Muita gente acredita que a data sexta-feira 13 é o dia do azar, mas eu não acredito.

- Papai disse que hoje a gente vai viajar para a casa da tia I*, eu estou feliz porque já faz 2 anos que nós não vamos lá.

- Filha ver arrumar a mala, porque não quero sair tarde, para não pegar a estrada à noite porque é perigosa.

- Então eu arrumei a minha mala bem rápido.

No meio do caminho mamãe disse:

- R*, pare o carro, porque eu esqueci o remédio de tosse da K*!